



Lindberg (esq.) e Meira (dir.): dois nomes fortes que terão de se eliminar

Lindberg e Meira brigam até o fim

"O Lindberg vai passar o Meira". A frase tem sido muito ouvida nos últimos dias, na boca de políticos, analistas de pesquisa, curiosos, jornalistas. E tem razão de ser. Afinal, Meira Filho, ainda o candidato ao Senado individualmente melhor, vem caindo violentamente nas pesquisas (passou de 30,5 para 15,2 de uma pesquisa da LPM para a outra), enquanto Lindberg Cury, seu companheiro de chapa do PMDB, vem subindo a cada dia (estava com 6, passou para 9,4%).

É uma briga de morte. E que podia — e devia — ter sido evitada. O PMDB, na verdade, foi para o suicídio, mantendo Meira Filho e Lindberg Cury, seus melhores nomes, na mesma chapa, o que significa dizer que só um deles se elege, ficando o outro como suplente. Do jeito que as coisas estão caminhando, o provável é que os dois tenham as maiores votações individuais, seguidos provavelmente de Pompeu de Souza, também do PMDB, e que divide uma chapa com Carlos Murilo, e Osório Adriano, do PFL, que divide a chapa com Benedito Domingos.

Mas não se afasta a possibilidade do PMDB perder a segunda vaga

para Osório, ficando assim Pompeu de Souza ameaçado por Maurício Correa, do PDT, Alvaro Costa, do PSB, Carlos Alberto, do PCB, José Ornellas, do PL, ou Lauro Campos, do PT, na disputa da terceira vaga. Tudo porque o PMDB, resolveu manter, mesmo depois da impugnação, pelo TSE, da candidatura de Múcio Athayde, Lindberg e Meira na mesma chapa, numa decisão fisiológica, contra a opinião apenas de Lindberg, do presidente do partido, Milton Seligman, e do governador José Aparecido.

O PMDB, aliás, vem agindo fisiologicamente e contra a lógica política desde o início. Ao formar sua chapa para a Câmara, por exemplo, deu preferência a representantes de seus grupos, líderes de si mesmos, deixando para o PFL os melhores candidatos: Maria de Lourdes Abadia e Valmir Campelo, e abandonando outros candidatos promissores, como Aidano Faria, que acabou no PDT, Marcos Terena, que também acabou no PDT, Eustáquio, que acabou no PS (partido que, pelo menos, está coligado ao PMDB) e outros.

A candidatura de Lindberg está realmente crescendo, com mais perspec-

tivas, a médio prazo, que a de Meira Filho, que está na descendente. Mas a verdade é que os dois sempre foram os candidatos mais promissores do partido, e não deveriam estar na mesma chapa, obrigados a se eliminarem para vencer. O partido deveria ter ficado acima dos fisiologismos.

Mas essa é a primeira eleição em Brasília, e há muitas lições a serem aprendidas. O PSB, por exemplo, que tem dois bons candidatos, Alvaro Costa para o Senado, e Rose Góes para a Câmara, não quis se coligar e preencheu todas as vagas, acabando por diluir tanto seu já reduzido tempo no rádio e na TV, que Alvaro e Rose estão vendendo, a cada dia, definham suas possibilidades de ser elegerem.

O número de candidatos ao Senado, acima de 40, é outro absurdo desta primeira eleição de Brasília. São Paulo, com duas vagas em disputa, tem 13 candidatos ao Senado. Minas Gerais, nas palavras do governador José Aparecido, com toda a sua tradição política, não conseguiria juntar mais do que 10 candidatos ao Senado. Brasília tem mais de 40, disputando três vagas. Absurdo do primeiro teste eleitoral.